

## APRESENTAÇÃO

Neste volume 16 da Revista Texto Poético apresenta-se o dossiê *Encenações da Poesia*. O ensaio de abertura é de Aline Duque Erthal, intitulado “Deserto excessivo: povoamento de multiplicidades”. Nesse texto, a autora chama a atenção para a recorrência das paisagens desérticas ou espaços vazios na lírica portuguesa do século XX e sublinha que os “desertos poéticos não funcionam apenas com sinal de negativo: eles representam a multiplicidade do possível; canais de trocas e passagens; abertura para outros (sujeitos, configurações de mundo e linguagens); e reclamação por liberdade. São, portanto, potência, muito mais do que exclusão”.

Em seguida, Maria Aparecida Junqueira apresenta-nos a poesia de Sebastião Uchoa Leite, sob a clave do sujeito e da experiência em “No limiar, um sujeito encena a poética de Sebastião Uchoa Leite. Na mesma esteira da reflexão sobre a subjetividade e o enfrentamento do mundo que a cerca, Vivian de Assis Lemos em “Duas cidades: *A Cidade*, de Konstantinos Kaváfis, em Órfãos do Eldorado, de Miltom Hatoun.

O adensamento da discussão acerca das encenações da poesia, a partir, sobretudo, da reflexão sobre os modos pelos quais as distintas subjetividades líricas manifestam-se e performatizam a palavra poética, seja em espaços interiores, exteriores ou no próprio poema são também alvo deste dossiê. Em “A obra de Ana Hatherly, entre ética e estética”, Rogério Barbosa da Silva mostra que a poeta portuguesa “propõe uma poesia que despoja a linguagem de suas verdades prévias e faz do leitor um cúmplice de uma aventura signíca” e o que se encena a partir daí delinea espaços poéticos que transitam pela estética, ou, ainda, por uma ética da estética.

Evidentemente, o tratamento das encenações poéticas não

poderia prescindir de uma discussão sobre o mito; é nessa linha que a colaboração de Maria Lúcia Outeiro Fernandes é bastante significativa. Em “Mito e a condição humana na obra poética de Sophia de Mello Breyner Andresen”, a crítica aponta de que modo elementos míticos de diversas naturezas e origem funcionam como “a matéria-prima mais relevante mobilizada pela poeta portuguesa no processo de transfiguração da experiência vital e das reflexões de cunho filosófico em linguagem poética”. Do mito ao sagrado, o dossiê ora apresentado traz também a contribuição de Tarsila de Britto, “*Tempo e eternidade: a restauração da poesia do fim*” em que se discute a marcada da conversão do poeta Murilo Mendes ao catolicismo e as conseqüentes relações entre o literário e o sagrado, resultantes “do encontro entre a filosofia essencialista de Ismael Nery, o programa formal do surrealismo francês e as promessas e imagens do *Apocalipse* bíblico de João”. Como no surrealismo, mas sob perspectiva diversa, também o sonho será matéria de discussão no artigo “A expressão do *sonho* na obra de Emiliano Pernetá”, de Nelson Luís Ramos. O autor interpreta o campo temático do sonho a partir do levantamento do vocabulário de seu discurso poético, pois, conforme aponta o artigo, “O “sonho”, em Emiliano Pernetá, apresenta-se com características positivas, claras, vibrantes, reforçando as marcas próprias de sua poesia”.

Na sessão vária Norberto Perkoski traz contribuição importante no artigo “A transgressão em Bernardo Guimarães”. A análise dos poemas selecionados pelo autor mostra que “através dessas obras, Bernardo Guimarães institui-se como desordenador do idealismo predominante e já desgastado da primeira geração romântica do sistema literário brasileiro”.

No artigo de Célia Reis, Heloísa Miranda e Luis Fernando Barth, “O espelho entre Galeano e Lacan”, a partir das contribuições do pensamento lacaniano, discutem o lugar do *eu* na encenação poética, pensado em termos narcísicos e da superação do narcisismo. Por fim e em afinidade com o que discutem esses autores, o artigo da sessão vária, de autoria de Rodrigo Guimarães “Transnarcisismo,

subjetividade e eu-lírico em *Retrato Desnatural (diário)* de Evando Nascimento” busca “analisar (e por vezes desconstruir) os conceitos de “subjetividade” e ego (e por extensão de “eu-lírico”) na literatura contemporânea a partir das reflexões de Evando Nascimento, Gilles Deleuze e Jacques Lacan”.

Fechando este volume 16, a presente edição traz duas resenhas. A primeira delas, de Alexandre Nodari, trata do recém-agraciado com o Prêmio Jabuti, *brasa enganosa*, de Guilherme Gontijo, intitulada “Devolver nada ao nada: a experiência poética de *brasa enganosa*”. Nodari chama a atenção para o caráter múltiplo da obra, unida, segundo ele, valendo-se de termo de Paulo Ronái, “antinomia metafísica: “abstrações opostas a fenômenos percebíveis pelos sentidos”, que, contudo, aludem “a uma nova modalidade de ser ou de agir, *a manifestações positivas do que não é*”. Afirmando-se como uma das vozes mais interessantes e promissoras da poesia brasileira contemporânea, o discurso poético de Gontijo transita pela erudição e pelo coloquialismo competente e criativamente.

A última resenha de autoria de Lívia Mendes intitulada “Paulo Leminski: um poeta longe demais da(o)s capitais” trata de *Toda poesia* de Paulo Leminski. Dentre os vários aspectos destacados pela autora, cabe sublinhar que, segundo ela, “o êxito de *Toda Poesia* (2013) foi totalmente coerente com o projeto poético e com o que foi anunciado pelo autor durante toda sua vida”. Também oscilando entre o erudito e o popular, num caminho diverso do percorrido por Gontijo, Leminski afirma-se, mais uma vez, com esta “nova” *Toda Poesia*, como uma das vozes mais interessantes de nossa poesia.

Boa leitura  
Diana Junkes  
Ida Alves

